

Oferta
-0. NOV. 1998
292A

Vida

MUNDIAL

Ilustrada

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



A MISSÃO DA «MOÇIDADE PORTUGUESA», composta pelos srs. capitão Pinto Sequeira, tenente Reverendo da Conceição e Luiz de Avilez, actualmente de visita a Inglaterra, tem sido convidada a assistir a diferentes exercícios de ginástica e de atletismo em diversos colégios. A foto que publicamos mostra uma dessas magníficas recepções num colégio católico. Os colegiais ingleses aparentam um grande interesse pelos seus visitantes. — (Foto «Britanova»).

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 2 5844

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNANI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
AUGUSTO FERREIRA GOMES
M. A. R. A. R. C. H. E. R.
DR. CARLOS OLAVO
LUIZ PALMEIRIM

o caso da semana

A missão do
embaixador

Myron Taylor

por Carlos Ferrão

N

o curto prazo de três semanas, uma personalidade de categoria passou rapidamente por Lisboa em viagem de ida e volta. O ponto de partida para essa viagem foi a cidade de Nova Iorque; o ponto de chegada, a cidade de Roma. Não são apenas duas metrópoles diferentes na sua configuração, na sua essência, nos hábitos e na vida da sua população. São dois mundos que, separados durante tanto tempo, procuram um ponto de contacto, uma plataforma de entendimento e de compreensão.

O viajante mal se prestou, das duas vezes, à curiosidade de «reporters» e de fotógrafos. Nada tinha efectivamente para dizer que pudesse interessar o grande público. Vinha encarregado duma missão delicada. Todos compreenderiam, facilmente, que a sua reserva era mais do que justificada, porque era legítima. Escusou-se delicadamente a fazer declarações, e o seu perfil, naturalmente distinto, escusou-se em frente das objectivas como quem receia ainda ser surpreendido no abismo do seu segredo oficial. Como veio, assim voltou silencioso e amabilíssimo.

O sr. Myron Taylor, enviado especial do presidente Roosevelt junto do Papa, conhece a diplomacia e os seus segredos. Não porque a tenha praticado com a subtilidade de maquiavelismos interessados ou com a orgúcia de dialécticas suspeitas. Mas porque os casos duma vida distinta, onde as profissões nem sempre são predestinadas, o levaram a representar o seu país junto da capital mais exigente que o sistema de relações internacionais criou: o Vaticano.

Católico praticante, esta qualidade não foi nunca indiferente para a escolha do seu nome. A missão que o chefe da nação americana lhe cometeu há pouco tinha em conta esse facto. O embaixador Myron Taylor não deixou de o acentuar quando os jornalistas do seu país o tomaram à parte, na altura em que subia para o «Clipper» que havia de o conduzir à Europa, perguntando-lhe qual era a natureza e a finalidade da tarefa de que se incumbira: «Posso apenas dizer-lhes o que toda a gente deve saber: que o presidente Roosevelt e o Papa Pio XII são os dois símbolos mais altos da nossa civilização».

Antes de partir, a 4 de Setembro, o sr. Myron Taylor avistou-se demoradamente com o presidente, seu grande amigo, e com o sr. Sumner Welles. Este não é hoje apenas o chefe efectivo da diplomacia norte-americana, enquanto espera que, por direito de conquista, lhe caiba também a direcção nominal do Departamento do Estado. O seu chefe, Cordell Hull, pela sua idade e por virtude duma doença grave que o manteve durante muito tempo afastado dos negócios públicos, perdeu o contacto com alguns assuntos que ocupam o primeiro plano da actualidade internacional.

O seu nome, o seu prestígio político, a sua honrabilidade a que todos prestam calorosamente justiça, constituem ainda um motivo magnífico de influência e de persuasão que o presidente utiliza com a sua tenacidade e a sua habilidade proverbiais. Mas as engrenagens, nem sempre lubrificadas, dos contactos imediatos ou a distância, passaram para as mãos experimentadas do sr. Sumner Welles. Ele é, acima de tudo, o homem que assistiu à conferência do Atlântico. Mesmo quando o telégrafo queria conven-

cer o mundo de que Churchill e Roosevelt dialogavam isolados, durante horas seguidas, a sombra do sr. Sumner Welles acompanhava-os na câmara do «Potomac».

Compreende-se, assim, que o embaixador Myron Taylor, um pouco fora dos segredos e dos pormenores de momento, tivesse de conhecer a sua opinião. A sua visita à Europa era uma consequência evidente das ideias gerais em que tinham acordado os dois grandes países anglo-saxões. A explicação da



Myron Taylor

visita que o sr. Myron Taylor foi encarregado de fazer ao Chefe da Igreja Católica está nos oito pontos da declaração comum. Liberdade de culto, diz-se nessa declaração. E o presidente Roosevelt, cujo espírito foi formado nos princípios eternos da tolerância e do respeito pelas convicções alheias, dissera-o, logo que a guerra alastrara pela Europa: «Entendo que a primeira condição a que o mundo deve satisfazer, uma vez terminada a luta, é a de que cada um possa ter e possa praticar livremente as suas crenças.»

Mas o sr. Myron Taylor, além de ser o portador deste princípio de ordem geral, foi o portador duma carta do presidente dos Estados Unidos para o Sumo Pontífice. Que dizia essa carta? Que dizia a resposta que Pio XII quis dar-lhe, depois de se ter avistado por duas vezes com o embaixador especial da república norte-americana? A resposta a estas perguntas encontra-se desvendada pela atitude que a Igreja inalteravelmente tem procurado manter desde o início do conflito. O seu chefe que é, ao mesmo tempo, o guardião dos seus interesses e o orientador das suas aspirações, entende que a Igreja Católica deve associar-se a todas as tentativas úteis que possam conduzir ao restabelecimento da paz e que não deve associar nem os seus votos nem as suas atitudes à sorte de qualquer dos grupos beligerantes.

A posição de independência em relação às lutas dos homens e às suas ambições temporais, que não pode ignorar mas que não quer distinguir, foi definida por duas datas.

nida na encíclica «Summi Pontificatus» divulgada em 20 de Outubro de 1939, cerca de mês e meio depois do início das hostilidades! A hora a que vos chega esta nossa primeira encíclica, é, sob muitos pontos de vista, uma «hora tenebrosa». O espírito da violência e da discórdia lança, sobre a humanidade, a taça sangrenta de dores sem nome. Preciso, porventura, assegurar-vos que estou junto de todos vós e especialmente junto daqueles que se sentem oprimidos ou perseguidos? Este documento oficial dirigido «urbi et orbi», entendia-se, especialmente com a Polónia que acabava de ser vencida, para lhe dizer a sua mágoa e a esperança de a ver restaurada: «O sangue de tantos seres humanos ergue um grito de dor, numa nação bem amada, a Polónia, que, pela sua fidelidade à Igreja, pelos seus esforços para a defesa da civilização cristã, tem direito à simpatia humana e fraterna do mundo e espera, confiante na poderosa intervenção de Maria «Auxilium Christianorum», a hora duma ressurreição de acordo com os princípios da verdadeira paz.» Em Washington não se esqueceram de estabelecer o paralelismo desta concepção com algumas passagens da declaração comum dos oito pontos.

Como podia deixar de a ter acentuado a carta que o presidente Roosevelt enviou ao Papa? Compreende-se que a atitude do Chefe da Igreja não seja indiferente para o dirigente responsável pela política dum grande país orientado no sentido da guerra. E que julque, mais que de seu interesse de seu dever, comunicar-lhe, em documento definitivo para os arquivos da história e para a elucidação das gerações vindouras, as razões profundas, de ordem moral e de ordem espiritual, que o levam a tomar essa atitude.

O presidente, que imprimiu à declaração dos oito pontos o sóro evangélico que anima as suas passagens essenciais, bem poderia ter recordado o primeiro dos cinco pontos definidos na alocução pontifical do Natal de 1939, para a organização duma paz justa e honrosa: «A vontade de viver de qualquer nação não deve nunca ser invocada como uma sentença de morte para as outras.»

Nos Estados Unidos vivem alguns milhões de católicos. O caso de consciência criado pela possível intervenção do seu país na guerra não pode ser indiferente a um dirigente político que tem a noção das

(Conclue na página 12)



A rainha
Guilhermina da Holanda

Vida
MUNDIAL
 Ilustrada

«A HOLANDA SENTE-SE HOJE MAIS FORTE E INDOMÁVEL DO QUE NUNCA» — disse a Rainha Guilhermina da Holanda, há dias, quando comemorou o seu 61.º aniversário natalício, e ao dirigir-se aos seus súditos, por intermédio da Rádio Orange. Exemplo admirável de tenacidade e patriotismo o desta rainha que, no dia dos seus anos, recebeu dos holandeses, como presente, o dinheiro necessário para a compra dum contra-torpedeiro destinado a substituir o «Jan Van Galen» cuja guarnição se bateu bravamente em Maio do ano passado.

24 Horas da vida dum psiquiatra

o Dr. Luiz Cebola entrevistado para a "Vida Mundial Ilustrada"

Uma reportagem de Gentil Marques



O DR. LUIZ CEBOLA entrevistado, no seu consultório, para o nosso jornal.

DEPOIS, há um grito. Um grito apenas. Nem de terror nem de alegria. Um grito sem expressão. Igual à cara do homem... E assim entrámos no outro lado da vida. O doído olha-nos, sem nos ver. Tem os olhos para os «bons dias», soltou um grito. Mais nada!

O Dr. Luiz Cebola aproxima-se. Sorri para ele... «Que é isso? Que se passa?»... Devagarinho, muito devagarinho, os olhos do homem tomam um pouco de vida. E as suas faces, paradas até há pouco, fazem um esforço enorme, visível e criam duas rugas... As rugas crescem, multiplicam-se e acabam numa careta, com pretensões a sorriso. O homem parece um garoto... Um garoto a quem se deu qualquer guloseima. E de súbito, mete o seu braço no braço do doutor e os dois afastam-se, conversando tranquilamente...

* * *

Ali dentro, no Telhal, o Dr. Luiz Cebola é de facto quísi. um Deus. A sua afeição pelos doentes, a carinhosa camaradagem que lhes dedica, o muito que sofre pelo sofrimento deles próprios, deu-lhe a experiência necessária e vivida para os saber compreender...

O manicómio é o outro lado da vida, incontestavelmente. Vamos encontrar gente irmã da nossa gente, gente que nasceu, que fala, que vibra como nós. Contudo, há uma diferença. Chamam-lhe doídos...

Sempre nos pareceu extraordinária de humanidade a tarefa de um psiquiatra: enfermeiro de almas, auscultador de cérebros. Por isso mesmo, nasceu a ideia deste reportagem...

O Dr. Luiz Cebola não necessita de o apresentemos. A sua carreira brilhante...

físsima, a consagração dos estudos sobre Psiquiatria que tem publicado, a popularidade dos seus métodos bons e da ternura especial que nutre pelos que caíram no outro lado da vida, são suficientes para justificar esta curiosidade jornalística de viver 24 horas na intimidade de um maiores psiquiatras europeus. A-pesar da sua modéstia, da sua quasi timidez diante da publicidade, o Dr. Luiz Cebola, há muito já, que passou as fronteiras da fama nacional. Alemanha, França, Espanha, conhecem-no.

De manhã, acompanhámo-lo ao Manicómio do Telhal, onde vai fazer a sua costumada visita, como director clínico desse estabelecimento.

Só é podia ter conseguido a satisfação total que a grande maioria dos alienados manifesta abertamente, assim que o vêem...

Um deles, mal a divisa na cêrca, aparece a correr: «Veja, doutor, hoje sou pote...» E enche as bochechas e põe as mãos nos quadris, a dar-se ares de pote... Mas, como vê uma névoa de tristeza sincera nos olhos do doutor, espanta-se um pouco e acaba por se desculpar: «Não se zangue, senhor doutor... Isto era brincadeira».

É essa a grande verdade! Junto dele, os doídos esquecem-se mesmo de que estão doídos. Julgam-se em brincadeiras, em diabrices. Reconhecem-se homens, homens como êle, que lhes dá a sua camaradagem e o sua amizade. Por isso, os doídos anseiam pela visita do Dr. Luiz Cebola. É um interregno nas suas vidas. Chegam a passar para o lado de cá...

ENQUANTO O COMBÓIO NÃO CHEGA...

— Que pensa sobre Freud?

Sentimos uma pausa propositada. Os olhos vivos do nosso companheiro, perdem-se por entre o arvoredor que desfila pelas janelas abertas da carruagem...

— Afora a generalização exagerada de Pan-Sexualismo, Freud e a sua escola contribuíram incontestavelmente, de maneira notável, para, esclarecendo os domínios obscuros do inconsciente, resolver o magno problema da unidade psico-somática contra a metafísica animica dos velhos psicólogos da teoria dualista.

Diz isso tudo, calmo, sem timbres diferentes, como se estivesse a ler as palavras no espaço exterior que o combóio vai galgando...

A visita que acabámos de fazer, dá ensejo a que nasça outra pergunta.

— Portugal tem acompanhado os progressos da Psiquiatria?

— Sempre! A prova é que se têm publicado obras curiosas e que se estão usando métodos novos de tratamento de psicose nas suas clínicas. — Olha de frente, para nós: — Compreende: refiro-me apenas aos psiquiatras verdadeiros...

E a terceira pergunta aparece de surpresa:

— Qual acha que deve ser a atitude dos cientistas perante a guerra de hoje?

— Os que se acham afastados do conflito devem ir preparando em cada sector respectivo os instrumentos do mais rápida reconstrução do mundo em ruínas... até surgir uma outra catástrofe...

Esta frase final é dita com amargura, quasi com desespero. E o Dr. Luiz Cebola, acentua, baixo, tão baixo, que parece falar unicamente para êle.

— Ninguém poderá evitar esta horrível fatalidade inerente à própria essência humana: a perturbação cíclica, da sociedade, expressa em guerras ou revoluções. Sei-o, através das minhas análises históricas e investigações psicológicas do indivíduo e da colectividade.

NA ESQUINA, HÁ UMA CASA...

O Dr. Luiz Cebola tem uma vida regada. Nem excessos nem faltas. Meio termo...

Geralmente, levanta-se cedo. Ao nascer do dia. Com o sol... Passeia pela quinta, aspirando o ar puro do arvoredo. De seguido, passa ao seu escritório. Duas janelas abertas... Dali vê todo um horizonte de beleza. Êle adora a beleza. A serra, o firmamento, a manhã... Mesmo o Dr. Luiz Cebola também é poeta. Psiquiatra e poeta. Um fazedor de humanidade.

Depois do almoço, o Dr. Luiz Cebola mete-se, mais uma vez, a outra viagem. Agora, até Lisboa...



A CAMINHO DO TELHAL, o sr. dr. Luiz Cebola aproveita a viagem de combóio, para ler.



O PRIMEIRO EXAME a um louco vindo da América; à direita, no Museu da Loucura, no Telhal, examinando objectos de arte trabalhados por psicópatas.



Lisboa, Avenida Almirante Reis. Uma esquina. Na esquina, há uma casa...

A maneira como o Dr. Luiz Cebola recebe os seus doentes, é de facto interessante. Conversa com êle, num tom meigo, atraente, que aos poucos lhes faz nascer uma necessidade de confidências. Esquecem-se de que vieram ao médico. Vêm apenas um amigo, um bom amigo. E são francos, e não ocul-

tam segredos, e dizem tudo o que sentem...

Na sala de consultório, há dois grandes quadros. Neste, um homem e uma mulher. Quási nus. A mulher desprende-se dos braços do homem. Êle quer segurá-la, mas ela é ágil. Qualquer coisa que nos faz lembrar a aspiração, o desejo, a impossibilidade... No outro, uns versos e umas pombas. As pombas



não sabemos de quem são. Os versos têm a assinatura de Luiz Cebola. Psiquiatra e poeta.

Sôzinhos de novo, o Dr. Luiz Cebola conta-nos um «caso» pouco freqüente, que êle está a tratar com o maior interesse. Um parafrenico, com delírio persecutório, alucinações auditivas e metamorfose sexual. Convenceu-se absolutamente que é mulher. A-pesar de casado e pai de dois filhos, revela grande pudor em conviver com os outros doentes e pede que lhe sejam fornecidos trajes femininos. Não há, contudo, inversão sexual. Trata-se sômente de uma transformação completa de personalidade, por acenestesia...

E os «casos» sucedem-se... Uns anedóticos, dentro da sua tristeza, outros excepcionais, outros ainda quási estranhos pela anomalia que os enche... Mas são tantos, tantos, que desistimos de os apontar...

DOIS HOMENS NA NOITE

E à noite acompanhámos também o Dr. Luiz Cebola. Sem isso, a reportagem não ficaria completa. 24 horas na vida dêle... Vivemo-las, quási tôdas.

Depois do jantar, mete-se pela estrada fora, ao que êle chama o seu passeio higiênico... Faz isto habitualmente tôdas as noites. Contudo, umas vezes por outras vai até ao teatro ou ao cinema, quando as obras são de categoria...

Esta noite, andamos os dois. A estrada é deserta. A noite é linda. Os nossos passos não chegam a fazer barulho. O silêncio é maior do que êles...

Todavia, conversamos. Surgem os mais diferentes temas. Política, literatura, amor... E, por fim, na seqüência lógica e natural, voltamos aos loucos, à Psiquiatria, à vida profissional do Dr. Luiz Cebola...

Uma coisa que desconhecíamos: Em relação a outros países da Europa, o número de alienados em Portugal não ensombra demais as estatísticas oficiais. Registam-se mais homens desequilibrados do que mulheres. E-o maior contingente provém das classes operá-

(Conclue na pág. 19)



EM CIMA — Interrogando um demente epiléptico. EM BAIXO — O dr. Luiz Cebola num grupo de doentes, no Telhal.

Calçada da glória

SINFONIA DE ABERTURA

O meu amigo Zeferino, integérrimo pai de família e zeloso funcionário público, começou, há tempos, a aborrecer o cigarro, o apetite principiou a faltar-lhe, sentiu-se deprimido, intoxicado, quasi não dormia — mesmo na repartição — e, perante a carinhosa insistência da mulher, resolveu ir consultar um médico. O clínico viu-o, examinou-o, auscultou-o, apalpou-o, e acabou por recomendar-lhe vinte dias de águas termais e um repouso o mais bucólico possível. Zeferino contou o caso à mulher; deu balanço à vida; e, para não avolumar as despesas, partiu só. O que foram esses vinte dias zeferinicos, longe da cidade, entre a verdura, bebendo saúde, sob uma atmosfera de carícia, que o adivinham, neste momento, aqueles que não puderam experimentá-lo. De quando em quando, chegava ao seio ansioso da família um colorido e fugidio postal, trazendo a noticia de que Zeferino, tocado por aquele grande céu bendito e por aquela grande paz venturosa, ia pachorrotamente alastrando. Recuperou o apetite; meteu charuto; deitou cores; sentiu, de novo, o vigor antigo — e quando regressou ontem, vazio de pecúnia mas forte de ânimo, a mulher quasi o não reconheceu.

— Estás esplêndido, Zeferino. Bem empregado dinheiro!

— Tens razão, mulher. Venho outro.

— Outro?

— Palavra de honra. Outro, outrissimo...

Logo a mulher, atirando-se-lhe, aos beijos:

— Ora ainda bem, que eu já estava farta do primeiro!

BOILEAU

O LIVREIRO Barbin tinha um chalet em Ivry, refúgio adorável, mas sem pátio, nem jardim. Um dia Boileau foi convidado para ir ali jantar. Aceitou o convite. Mas finda a refeição, mandou aprontar a carruagem:

— Para onde vai tão depressa? — perguntou Barbin.

— Tomar ar a Paris — respondeu Boileau.

O DR. VORONOFF

SEGUNDO noticiam os jornais, o dr. Voronoff afirmou recentemente que, num futuro próximo, o homem viverá, em regra, cem anos, desde que se enxerte com glândulas de macaco.

Quere dizer: dentro em pouco, a seguir os conselhos do mestre, todos nós morreremos de morte-macaca...

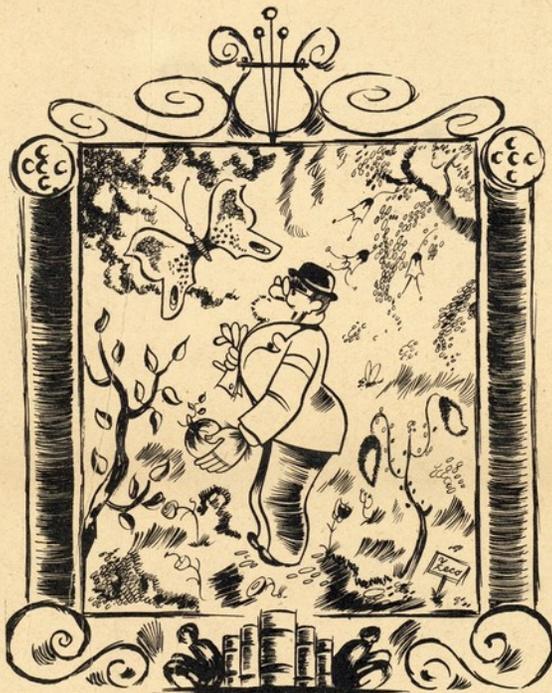
ATRASOS

QUE horas são?
— Duas. Mas o meu relógio está atrasado dez minutos.
— Também o meu.
— Quanto?
— Três meses... no prego!

UM CONSELHO

QUANDO falarem, falem sempre pausadamente — sobre tudo quando não estiverem senhores do assunto de que falam. Falando depressa dizem-se muito mais tolices — com a agravante de se dizerem em muito menos tempo.

UM POETA... E PERA!



Deu sinal a trombeta lusitana,
Em murmúrio doce e licoroso,
Ouviu o monte, Artabro, e Guadiana
Atrás tomou as ondas de vaidoso;
Ouviu o Duro e a terra trasagana
Correu ao mar o Tejo luminoso,
E os pais que tal som divino escutaram
Aos peitos, os filhinhos levantaram.

Gastar palavras em contar extremos
De dias grandes, grandes alvoradas,
Há d'esses gastadores, que sabemos
Muito do tempo, com fábulas sonhadas:
Basta pôr fim ao caso, que entendemos,
E resumir em frases amadas
Que nasceu um poeta: João Maria
Ferreira, Pêra e Companhia...

(Dos «Lusiadas», Canto XIII)

10 MANDAMENTOS

- ES IS os dez mandamentos da mulher casada:
- 1.º — Amar seu marido sobre todos os outros.
 - 2.º — Não o tratar em vão.
 - 3.º — Guardá-lo das outras mulheres e das pulgas.
 - 4.º — Honrá-lo e penteá-lo.
 - 5.º — Não lhe fazer cócegas para o não matar.
 - 6.º — Guardá-lo de má-vizinhança.
 - 7.º — Não lhe furtar senão beijos.

- 8.º — Não lhe levantar a voz sem testemunhas.
- 9.º — Não desejar o marido da próxima.
- 10.º — Não cubiçar os jóias e os vestidos alheios.

O HÁBITO

O que custa a largar na vida não é a natureza esplêndida, as ideias grandes e belas, a luta ou as paixões: é o que fazemos todos os dias — é o hábito.

A GOTA

ANTONIO José de Almeida sofria imenso de gota. Experimentou vários tratamentos. Um dia aconselharam-lhe banhos do mar. António José de Almeida comentou:
— Que faz uma gota a mais no oceano!

POETA

NUMA das noites luarentas deste Setembro que há pouco passou, ouvi um petiz de 6 anos, dizer debruçado nas águas dormentes dum lago:
— Caiu a lua na água!
Ou me enganarei muito, ou nesse petiz vive um poeta!

DISTRAÇÕES

O visconde de X... é a pessoa mais distraída do mundo. Ontem um conhecido, perguntou-lhe no Estoril:
— Como tem passado?
— Esplêndidamente.
— E a senhora viscondessa?
— Bem, muito obrigado... e sempre ao seu dispor...

ANGELA

TODAS as mulheres são fracas e tu és como todas as mulheres. — dizia uma tarde Ferreira da Silva a Angela Pinto.
— Fraca, eu? Ainda agora comi um bife com batatas!

O MESTRE

CERTO titular, que em tempos fora barbeiro em Coimbra, e que mais tarde versejou tóscamente, encontrou certa ocasião Guerra Junqueiro. Mal o viu, exclamou com enfase:
— Como está, mestre?
Logo Junqueiro sorrindo:
— Freguês, freguês...

RECORTES

NUM número antigo dos Serões recortámos esta nota — que tem talvez oportunidade internacional: «Como o público tanto gosta de luta, ali tem o Coliseu com os seus hercules japoneses que todas as noites são, ora ruidosamente aclamados, ora estrepitosamente pateados, segundo a lealdade ou a má-fé com que procedem».

O RETRATO

QUANDO um dos últimos governos de D. Carlos se lembrou de mandar cunhar aquelas moedas enormes de dez tostões, o Rei achou-as bonitas mas muito grandes.
O marquês de Alvíto, numa irreverência:
— A engordar dessa maneira, onde queria V. M. que o metessem?

JUNQUEIRO

O admirável poeta dos *Simplex* quando vinha a Lisboa, hospedava-se no *Central*. O fato que vestia era sempre velho, mas dizia invariavelmente apontando o charuto:
— É isto que me liga ao Diabo!

Luís S. Oliveira Martins



JOSEFINA BAKER
vai aparecer
 numa *revista lisboeta*

(Foto Jorge Garcia)

OS JORNAIS TÊM FALADO do desejo de Josefina Baker vir trabalhar, de novo, em Lisboa. A estrela do corpo de ébano não esquece a cidade que lhe deu, em carinho e amizade, o conforto de que ela necessitava, depois das tormentosas viagens do pós-guerra. Diz-se que ela será vedeta duma revista a montar num teatro popular. Trata-se, ao que parece, de mais uma vitória do grande embaixador de sorrisos que é Erico Braga. Nesta página, damos uma foto de Josefina tirada em Lisboa, quando da sua última passagem por aqui. Num quarto de hotel, a «estrela» faz meia...

as primeiras chuvas do + **OUTONO** +



COM OS PRIMEIROS DIAS DE OUTONO, chegaram as primeiras chuvas. A cidade do sol sofreu, em meia dúzia de dias, os rigores da invernã.



RUAS E PRAÇAS quãsi se despovoaram. E a chuva e a lama fizeram esquecer as praias e o campo. Mas o sol de Outono não tardou a reaparecer...

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANÁRIOS ILUSTRADOS PORTUGUESES



VAI COMEÇAR A PUBLICAR NO
SEU NÚMERO DO PRÓXIMO DIA 16

UMA NOTÁVEL SÉRIE DE ARTIGOS

QUE, NO SEU CONJUNTO, CONSTITUEM UM
TRABALHO VALIOSÍSSIMO DE DOCUMENTA-
ÇÃO E ESTUDO DA POLÍTICA INTERNACIONAL

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

ESCRITA PELO GRANDE JORNALISTA

CARLOS FERRÃO

PÁGINAS EMOCIONANTES DA HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA — OS FACTOS E OS
DOCUMENTOS — GRANDES REVELAÇÕES
— OS ANTECEDENTES DA GUERRA, A
SUA ECLOSÃO E A SUA EVOLUÇÃO
— AS BATALHAS MILITARES — A LUTA
DIPLOMÁTICA — A ESPIONAGEM

TÍTULOS DOS PRIMEIROS ARTIGOS

- 1 — ASSIM ESTALOU A GUERRA
- 2 — A CAMPANHA DA POLÓNIA
- 3 — ADVERSÁRIOS QUE SE ESPREITAM
- 4 — INTERMÉDIO NÓRDICO
- 5 — A GUERRA RELAMPAGO
- 6 — DERROTA E ARMISTÍCIO
- 7 — NO MAR E NO AR
- 8 — TENTATIVAS DE PAZ
- 9 — NO CÉU DE LONDRES
- 10 — NOS AREAIS DA LÍBIA
- 11 — AGUIAS SOBRE O MEDITERRÂNEO
- 12 — OS BALCÁS EM FOGO
- 13 — A INTERVENÇÃO AMERICANA
- 14 — QUANTO VALE UMA ESQUADRA
- 15 — RUSSOS E ALEMAES
- 16 — A VIDA NOS PAÍSES OCUPADOS

EM CADA NÚMERO DE VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA UM ARTIGO COMPLETO EM
VÁRIAS PÁGINAS E COM MUITAS GRAVURAS

Vida PORTUGUESA

PARA TRATAREM DO PRÓXIMO ACTO ELEITORAL, reúnem-se na sala do Conselho do Estado do Ministério do Interior, sob a presidência do titular desta pasta a comissão executiva da União Nacional, os governadores civis e os presidentes das comissões distritais daquele organismo.



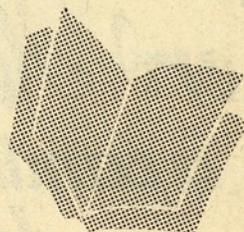
NO LICEU MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — Algumas das alunas que, há dias, prestaram provas de exame, da segunda época, durante a resolução dos problemas apresentados.



O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA, com o sr. ministro da Educação Nacional, quando da entrega solene do primeiro exemplar do livro único para o ensino primário.



EM CAISCAIS, vai ser inaugurado brevemente o novo hospital dos Condes de Castro Guimarães. Na foto, vê-se um aspecto geral exterior do novo e modelar estabelecimento sanitário. (Fotos feitas com películas «Ferrária»)





Lord Halifax a caminho da América

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

LORD HALIFAX, embaixador da Grã-Bretanha nos Estados Unidos da América do Norte, esteve agora em Lisboa, de regresso ao seu posto, tendo sido recebido pelos srs. Presidentes da República e do Conselho e gozado entre nós alguns dias de repouso. O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra e vice-rei da Índia aparece-nos nesta página, ao lado de Sir Ronald Campbell, embaixador britânico em Portugal, numa foto de Armando Seródio, feita para o nosso jornal.



Sir Samuel Hoare esteve em Lisboa

Vida MUNDIAL
Ilustrada

SIR SAMUEL HOARE, embaixador da Grã-Bretanha em Madrid, deixou fotografar-se especialmente para a «Vida Mundial Ilustrada», no terraço da embaixada inglesa, quando da sua recente passagem por Lisboa, a caminho de Londres.



Portugal conseguiu chamar a si um lugar de relevo na indústria de lanifícios através da organização

Nobilis

apresentando tecidos manufacturados com as melhores e as mais caras lãs do mundo — como a Inglaterra chamou a si um lugar de destaque com

ROLLS-ROYCE

na indústria de auto-aero-motores, utilizando os melhores materiais do mundo.

24 Horas NA VIDA DUM PSIQUIATRA

(continuação da pág. 5)

rias, sobretudo dos indivíduos que trabalham junto de focos de calor, como forjas e fornalhas. Em segundo lugar, aparecem os militares, nas afecções centrais, de origem sífilítica...

De seguida, abordamos o problema da arte entre os doidos. O Dr. Luiz Cebola narra-nos episódios curiosos passados no Telhal. De quando em quando,

surgem mesmo centelhas de génio.

* * *

O passeio higiênico termina por volta dos 11 horas, mais ou menos. Despedimo-nos de vez do Dr. Luiz Cebola. Sabemos já que ele agora vai ler ainda um bocadinho, antes de adormecer. Nada de estudos. A leitura da noite, é puramente literária. Prosa ou poesia. Poesia ou prosa. Mas que seja boa!

* * *

Enfermeiro de almas, psiquiatra e poeta. Nasceu para amar a humanidade... 24 horas na vida dele são 24 horas na vida de um Homem!

LEIA NO PRÓXIMO NÚMERO
DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

UMA TARDE EM CASA
DE JUNQUEIRO

UMA SENSACIONAL ENTREVISTA INÉDITA
POR LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES COM
UM DESENHO DE LEAL DA CÂMARA FEITO
EXPRESSAMENTE PARA A NOSSA REVISTA

A missão do embaixador

MIRON TAYLOR

(Conclusão da página 2)

suas responsabilidades. O próprio gesto político que se traduz pelo envio dum embaixador especial junto do Vaticano tem um significado a que esses católicos não ficarão, decerto, indiferentes.

Tudo isto são motivos de ordem geral evidente que explicam a carta do presidente Roosevelt e a resposta que ela teve. Se esses motivos coincidiram com outras circunstâncias particulares, estas não invalidam a força das primeiras. O embaixador Myron Taylor, posto ao corrente do estado actual das negociações diplomáticas em que o seu país toma parte, aproveitou a sua viagem para se avistar, em Barcelona, com os representantes dos Estados Unidos em Vichy e em Madrid. É natural que a sorte do ocidente europeu e a sua situação actual não sejam indiferentes nem para o presidente nem para os seus mais próximos colaboradores.

A curiosidade pública, exigente nos Estados Unidos, quis uma explicação mais ampla da missão do embaixador Myron Taylor. O «New York Times» forneceu-lha com a seguinte versão das conversações que o diplomata norte-americano teve com o Papa e com o secretário de Estado, Cardinal Maglione:

«O Sumo Pontífice respondeu com uma negativa atenciosa ao pedido do presidente para fazer uma declaração em que a guerra contra o nazismo fosse considerada uma luta justa. Fundamentalmente seria uma inhabilidade do Papa tomar qualquer partido e, sob o ponto

de vista doutrinral, um acto inconveniente considerar justa esta ou aquela guerra.

Os círculos do Vaticano afirmam que o pedido do presidente era feito numa longa carta, na qual prometia que o Governo dos Estados Unidos faria tudo o possível para conseguir que, uma vez terminada a guerra, fosse considerada devidamente a questão da liberdade religiosa na Rússia. A carta continha, além disso, referências extremamente calorosas à acção desenvolvida pelo Papa a favor da paz e ao respeito que essa acção continha a merecer a todos os americanos. A resposta contém igualmente referências expressivas de Sua Santidade para todo o povo norte-americano, um agradecimento pessoal ao presidente pelas suas atenções — a expressão do reconhecimento pontifical pela promessa de que os Estados Unidos procurarão influenciar a orientação da política russa quanto à liberdade religiosa na U. R. S. S.. Mas o recusa quanto a tomar partido no conflito actual é dum firmeza absoluta.»

Foi esta versão do «New York Times» que provocou uma declaração oficiosa publicada no «Osservatore Romano», redigida nos seguintes termos: «Não é exacto que o Papa tenha dado uma resposta negativa ao pedido do presidente Roosevelt para dizer que a guerra contra o nazismo é uma guerra justa. Estamos autorizados a declarar que nunca foi feito esse pedido e que, portanto, a notícia que dá conta dele carece de fundamento.» Trata-se dum pormenor que provocou versões opostas. Quanto ao essencial das cartas deriva dos pontos de vista publicamente afirmados pelos seus signatários e não oferece margem para dúvidas.

GARLAND, LAIDLEY & C., LIMITED

Agentes gerais em Portugal das Companhias de Navegação:

BLUE STAR LINE:

Carreiras regulares de paquetes rápidos para os portos da América do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Passagens de 1.ª classe e carga de porão e frigorífico.

BOOTH LINE:

Carreiras regulares entre Inglaterra, Lisboa e os portos do Norte do Brasil. Passagens de 1.ª e 3.ª classes e carga.

CUNARD WHITE STAR LINE:

Carreiras entre Inglaterra e França e os portos da América do Norte. Os mais rápidos, maiores e mais luxuosos paquetes. Passagens de todas as classes e carga.

LAMPORD & HOLT LINE:

Carreiras de Inglaterra para os portos da América do Sul. Passagens de 1.ª classe e carga.

YEOWARD LINE:

Carreiras regulares entre Inglaterra, Lisboa, Ilhas Adjacentes e Canárias. Passagens de 1.ª classe e carga.

LISBOA:

Travessa do Corpo Santo, 10-2.
Telefone 2 3311/3

PORTO:

Rua Infante D. Henrique, 131
Telefone 348/349

Ender. Teleg. «GARLAND»

USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD

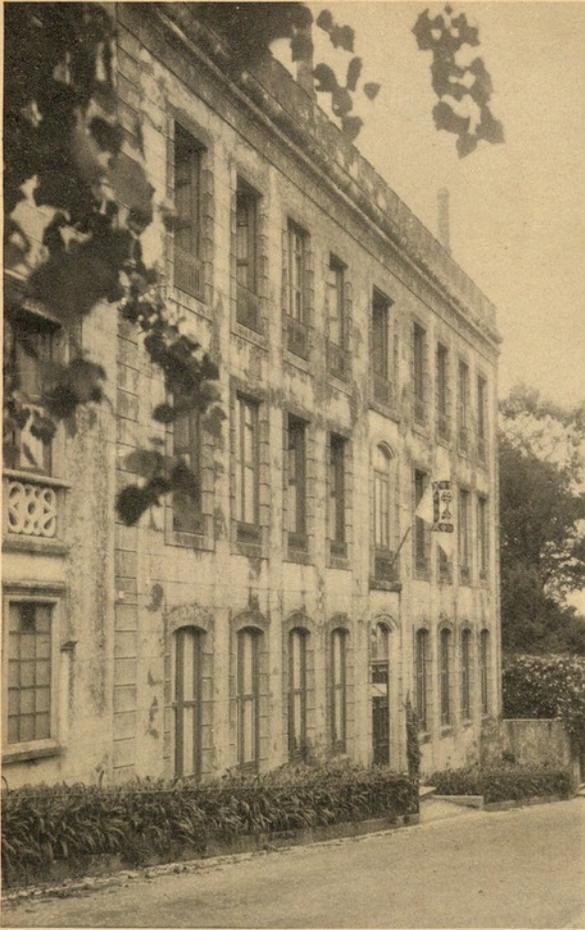


CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS

A' venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED
ILFORD — LONDRES



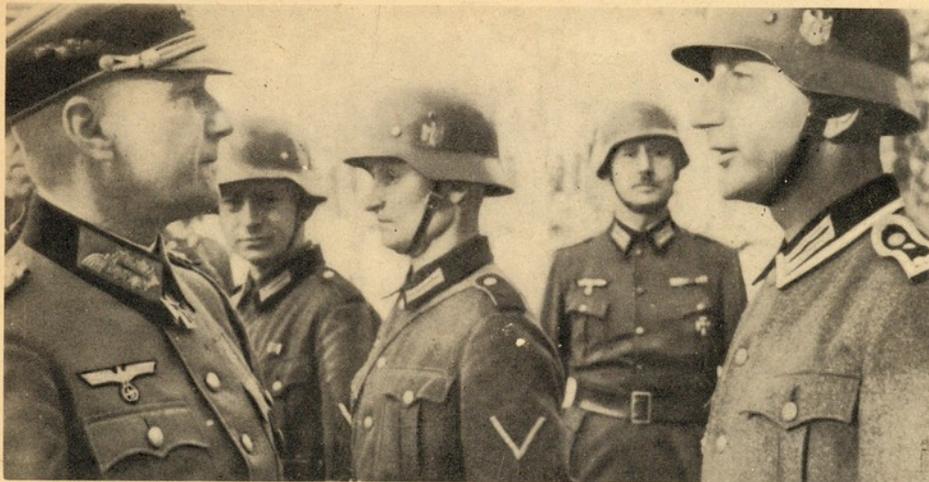
Colônia de Férias da Mocidade Portuguesa Feminina

A MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA teve, êste ano, a sua colônia de férias em Sintra, no Palácio Gandarinha, onde as filiadas daquela organização patriótica passaram horas de grande alegria, de verdadeiro encantamento. À esquerda, a fachada do edifício onde se instalou a colônia. Em cima, um aspecto da sala de jantar, durante uma das refeições das raparigas.



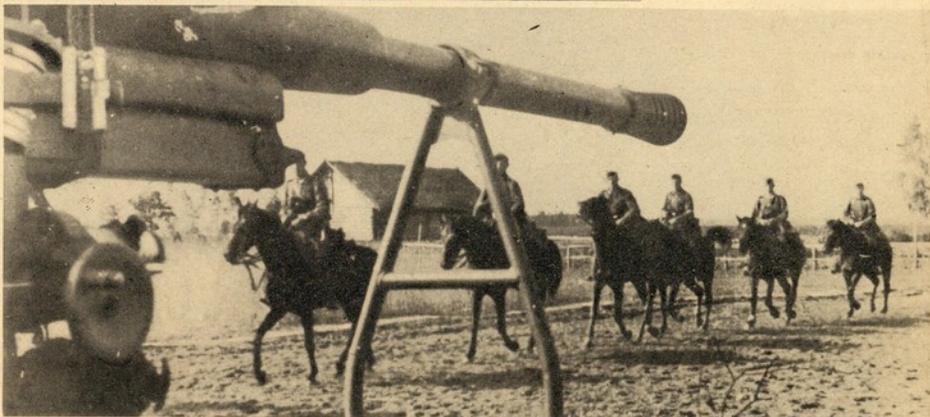
EM CIMA, à esquerda — Raparigas da M. P. treinando-se no «basket-ball», no parque da casa. À direita, em cima — Como se passaram as tardes na colônia, lendo e cosendo; em baixo, as raparigas executando bailes regionais.





Os alemães na campanha da RUSSIA

O GENERAL VON BRAUCHITSCH conversando com os soldados dum batalhão alemão em operações na nova frente da Ucrânia oriental.



UM REGIMENTO DE CAVALARIA ALEMÃ — arma que, nesta guerra, fêz agora o seu aparecimento na campanha da Rússia — avança para um posto que lhe foi confiado e passa por material de guerra apreendido às tropas soviéticas.



MAGNIFICO INSTANTANEO DA ACTIVIDADE DA GUARNIÇÃO DUMA PEÇA «ANTI-TANK» que faz fogo na região de Slobim. De notar, a atitude do ajudante do artilheiro e a posição do soldado que, à direita, tapa os ouvidos para evitar os efeitos da deslocação do ar.

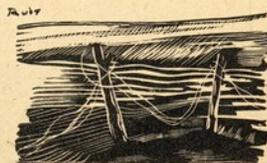
SOLDADOS DA INFANTARIA ALEMÃ lançam-se ao ataque, através dum campo cultivado, num sector da Ucrânia.



UMA FOTO RECENTE DA GUERRA. Soldados da infantaria alemã efectuam operações de limpeza numa aldeia russa conquistada pelas forças do Reich no sector de Kiev.



EM BAIXO: O aspecto desolador da cidade de Dorpat, cheia de maravilhas arquitectónicas, depois de destruída pelas forças soviéticas, na iminência do avanço alemão sobre a cidade.



EM BAIXO — À esquerda: Um aspecto da entrada das tropas alemãs em Tallin (Reval), capital da Estónia, que estava ocupada pelas tropas russas. À direita: Tropas de assalto alemãs atravessando um rio em carros blindados. À frente, estende-se uma região pantanosa, onde foram lançadas tropas do Reich transportadas para ali de avião.



O que Sei do que vi na Exposição do Mundo Português

TESTE ORGANIZADO POR F. DE CARVALHO HENRIQUES

«Vida Mundial Ilustrada» apresenta hoje a 4.ª e última serie de exercícios que compõem um teste pelo qual pode o leitor obter uma indicação quanto ao poder da sua atenção e à precisão da sua memória.

Compõe-se de quinze exercícios.

Uns são formados por frases incompletas, apresentando-se para cada uma cinco maneiras diferentes de a completar. Contudo, apenas uma destas alternativas é verdadeira, quer dizer, entre as cinco maneiras diferentes de completar cada frase, só uma a torna exacta.

Por exemplo: O documento que, na Exposição, se via dentro de um cofre era

1. O tratado de Tordesilhas.
2. O Foral de Lisboa.
3. A Crónica de D. João I.
4. O Testamento de D. Afonso I.
5. O Missal de Lórvão.

A alternativa escolhida é a marcada com o n.º 2, ficando a frase exacta como segue:

O documento que, na Exposição, se via dentro de um cofre era o Foral de Lisboa.

Os restantes exercícios são constituídos por outras tantas fotografias para as quais há que escolher as respectivas legendas que se encontram entre as palavras ou frases apresentadas com esse fim.

O leitor terá, pois, de marcar na Tabela das Respostas, à frente do número indicativo de cada frase incompleta ou de cada fotografia o número do final de frase ou de legenda que considera verdadeira. No fundo da página dão-se quatro Tabelas de Respostas para serem preenchidas por outras tantas pessoas, depois de separadas pelos traços.

Uma vez preenchida a Tabela das Respostas, confrontá-la-á o leitor com a Tabela Padrão, da página 19, marcando com uma cruz as frases que não completou ou completou erradamente e as fotografias que não identificou ou identificou com inexactidão.

O resultado final será dado pela diferença entre quinze e o número de erros indicados pelas cruzes, visto que, por erros, se contam tanto as inexactidões como as faltas.

Doze exercícios exactos representam um resultado muito satisfatório.

PAVILHÃO DE LISBOA E CASA DE SANTO ANTÓNIO

1. Uma autêntica peça de museu admirava-se no Vestíbulo do Pavilhão de Lisboa:

1. O vitral de S. Jorge.
2. A argola do Aquecedo das Águas Livres.
3. A grade da Sé.
4. O sacristão da Igreja de S. Vicente.
5. O sino da Penha de França.

2. O corvo aparecia nalguns dos painéis que decoravam

1. O Vestíbulo.
2. A Sala de S. Vicente.
3. A Sala de Pitoresco.
4. A Sala do Futuro.
5. A Sala Castilho.

3. Um par de grandes trípticos dum colorido inesperado evocavam

1. A partida de Vasco da Gama para a Índia.
2. A evolução da Cidade através dos séculos.
3. A construção da Casa da Índia.
4. A Procissão do Corpo de Deus.
5. Feitos de armas para a posse de Lisboa.

4. Em determinada sala, o pensamento do visitante era levado para um extraordinário fenómeno geológico ocorrido em Portugal no século XVIII, ao deparar com

1. O padrão da Cidade com a nau e os dois corvos.
2. A reconstituição das tendas e bazares da Ribeira Velha.
3. O quadro do Marquês de Pombal, por Lupi.
4. O autêntico Cruzeiro de S. Lázaro.
5. A miniatura do Túnel do Rossio.

5. A relíquia exposta no Museu de Santo António era constituída por

1. Pedaco de madeira de um catre.
2. Uma partícula de osso.
3. Um fragmento de hábito.
4. Um cordão de escapulário.
5. Um pedaco de sandália.

AS IMAGENS DA EXPOSIÇÃO

Escolher entre as legendas seguintes aquelas que identificam as fotografias de estátuas, imagens e quadros, marcadas de 6 a 15.

1. O Chefe.

2. O Desejado.
3. O Eloquenté.
4. O Grande Epico.
5. O Lidador.
6. O Magriço.
7. O Mestre dos Templários.
8. O Padroeiro de Portugal.

9. O «Sem Pavor».
10. O Padroeiro de Lisboa.
11. O Povoador.
12. O Príncipe Perfeito.
13. O Mestre de Aviz.
14. O Santo Condestável.
15. O Tsamaturgo.



Respostas

Respostas

Respostas

Respostas

1.....	6.....	11.....	1.....	6.....	11.....	1.....	6.....	11.....	1.....	6.....	11.....
2.....	7.....	12.....	2.....	7.....	12.....	2.....	7.....	12.....	2.....	7.....	12.....
3.....	8.....	13.....	3.....	8.....	13.....	3.....	8.....	13.....	3.....	8.....	13.....
4.....	9.....	14.....	4.....	9.....	14.....	4.....	9.....	14.....	4.....	9.....	14.....
5.....	10.....	15.....	5.....	10.....	15.....	5.....	10.....	15.....	5.....	10.....	15.....

LENINEGRADO *a cidade sitiada*



LENINEGRADO, A SEGUNDA CIDADE DA RÚSSIA, agora cercada pelas tropas alemãs e finlandesas, é uma verdadeira praça de guerra, mercê das grandes fortificações que desafiam o inimigo. A velha S. Petersburg, que foi já capital dos Czares, é, no entanto, cidade de grande beleza e magníficos panoramas como se verifica nesta foto. Nela se vê a grande avenida Nevsky, com os sumptuosos edifícios do Almirantado. Ao fundo, a fortaleza e catedral de S. Pedro e S. Paulo.



OUTRO ASPECTO DA CIDADE DE LENINEGRADO tirado duma fortaleza do golfo da Finlândia, evidenciando as ruas do bairro central. No primeiro plano, os edifícios do Palácio de Inverno e do Instituto Radiológico. À direita, junto da ponte, os edifícios da Universidade, da Bólsa e da Alfândega.

Panorama Internacional

Entre Washington e o Mar Negro

por Francisco Velloso



A sua linha de força parte dos Estados Unidos e, em dois ramos, passa um por Londres, outro por Teherão. Assim, o que ocorre em Washington rebate em Moscovo. Toda a América Latina alinha com a do norte. As neutralidades estremeçam.

O NERVO DA GUERRA



WILLKIE

O último discurso de Roosevelt tem repercussões de cada vez maiores, e não é provável que cessem em progressão. É indubitável que a opinião pública norte-americana acompanha em quase unanimidade o presidente. Há uma oposição em ligação directa com os alemães, até dentro do Senado, e que tem como centro de propulsão e irradiação o organismo chamado, «América, Primeiros», adrede forjado para isso mesmo, mas não é menos certo que as suas influências — e sobretudo a de Lindberg — decrescem. Acabamos de ler uma carta de um português há anos residente nos Estados Unidos, e admiravelmente situado e independente, com pormenores curiosos a tal respeito que deixam prever escândalos (que aliás se revelaram também noutros países), assás semelhantes aos que rebentaram na outra guerra, e dos quais já existem amostras no que está a passar-se na Argentina e noutras nações da América do Sul.

Senadores isolacionistas viraram já de atitude. Willkie reforçou Roosevelt: «Ninguém pode dizer que isto envolverá os Estados Unidos na guerra, mas todas as pessoas de bom senso sabem que, se o Presidente fosse menos firme, seria inevitável uma guerra desastrosa.»

O aceleramento da produção de guerra apresenta-se assim percentualmente descrito por John Biggers no dia 12: «A intensificação foi elevada a um ângulo de 30 ao quadrado mês a mês. Dentro dos próximos três meses, o ritmo da aceleração aumentará, para muitos artigos de importância vital de 30° para 60°. Esta aceleração aplica-se principalmente a «tanks», canhões e pólvora. Os Estados Unidos atravessaram um longo período de preparação transformando fábricas e construindo outras. No corrente mês, e nos dois próximos meses, teremos a primeira colheita de todos esses esforços preliminares.»

Por sua vez, o almirante Stirling descobria o seguinte:

«Provavelmente centenas de navios de guerra do Estados Unidos já estão cumprindo os ordens do Presidente. Os círculos bem informados daqui (Washington) calculam que pelo menos 300 navios americanos, não contando aviões, já se encontram ocupados na tarefa de proteger não só os navios americanos, mas também os que, arvorando qualquer bandeira, se ocupam do comércio nas nossas águas de defesa.»

FRENTE A FRENTE



KNOX

Os acontecimentos vieram ao encontro da resolução presidencial. A 13, Roosevelt participava ao Conselho de Ministros o afundamento do «Montana», vapor norte-americano, entre a Islândia e a Groelândia, demonstração inequívoca de que o almirante Raeder age nas águas de protecção dos Estados Unidos. E o almirante Andrews, que comanda o distrito naval de Nova Iorque, ao discursar nesse mesmo dia, anunciava que «o tiroeteo começará muito em breve no Atlântico». Não andava êle, por certo, na ignorância de que na véspera a esquadra inglesa afundara um submarino inimigo perto da Islândia. No dia 15 (a simples enunciação dos factos mostra vivamente a marcha precipite das coisas), Knox, o já famoso e audaz Secretário de Estado da Marinha, afirmava numa reunião da Convenção Americana em Wisconsin que «a partir do dia seguinte, 16, a marinha de guerra dos Estados Unidos protegeria todos os carregamentos que digam respeito à lei de empréstimo e arrendamento atravessando o mar do continente americano e águas adjacentes à Islândia», e que haviam sido dadas ordens à Armada para capturar ou destruir «todos os corsários das potências do Eixo, de superfície ou submersíveis, encontrados nessas águas». E Knox acrescentou: «Isto é a nossa resposta à declaração de Hitler que tentará afundar todos os navios que passem em frente dos seus canhões em viagem dos Estados Unidos para os portos da Grã-Bretanha.»

O almirante Raeder receberia o tróco?

Ora nesse mesmo dia, surgia a notícia de que corsários ou corsário alemão estava afundando navios junto do Canal do Panamá, no Pacífico, e a esquadra recebia ordens do distrito naval de Balboa para atacar imediatamente esses navios. Roosevelt tinha, pois, razão em assegurar aos jornalistas que a Lei de Neutralidade tem de ser imediatamente revista. O último passo para a guerra, ao soar, não deve tardar muito do primeiro tiro de canhão.

As posições bélicas dos novos contendores definiram-se claramente.

A GRANDE CARTADA



ROOSEVELT

Com efeito, a evolução das coisas não tardou a rodar no sentido de um nítido agravamento da situação. Quando, no dia 23, a imprensa norte-americana deu vulto ao afundamento do «Pinkstar» nas costas da Groelândia, já estava posta a questão primordial da revogação daquela Lei, supremo baluarte dos isolacionistas, travão que durante dois anos êles lograram manter contra a política de Roosevelt. Já de Berlim dizem que a revogação não se fará a bem, e de certo conhecem os elementos com que contam. O Presidente, no entanto, afirmava naquele dia que não hesitaria em forçar as decisões necessárias para levar por diante essa medida, ferindo logo a lei com o armamento dos barcos mercantes, para o que se abanou com os poderes de Wilson em 1917. E Knox, ao lançar-se ao mar o novo grande couraçado «Massachusetts», apostadamente reclamou a revogação imediata do famoso diploma e sem perda de tempo.

A resaca alemã contra estas atitudes frontais do Presidente traduziu a a imprensa — por conseguinte como reflexo da Wilhelmstrasse — numa forte explosão. O menos que chamou a Roosevelt foi pirata. O órgão da chancelaria não tomou, porém, o caso como surpreendente, e devolveu a Washington a responsabilidade da iniciativa dos encontros navais entre as duas esquadras beligerantes, por demais havidos como inevitáveis. Do outro lado dos Alpes o porta-voz do Duce, Virginio Gaide, no *Giornale d'Italia*, acrescentava que as declarações de Roosevelt não deixavam às unidades de guerra do Eixo outra alternativa do que a de atacarem os barcos de guerra norte-americanos, logo que os vejam. E como se vê, cumprem já a ordem à risca. Situação es-larrecida.

O NÓ GORDIO



BEAVERBROOK

É evidente que se esta formidável campanha dá rebate nos Estados Unidos, é porque da intensificação da produção norte-americana depende o resultado da campanha da Rússia. A questão dos fornecimentos pela Pérsia (onde a abdicação do Xá Palevi em seu filho e a reforma constitucional resolveram a pendência e quebraram as últimas resistências) ou por Murmansk, enquanto os gelos o não impedem, torna-se vital à resistência russa. O Times precedentemente admite que a pressão alemã afrouxe no inverno, embora o

estado maior esteja muito bem preparado para os rigores da estação, mas sob a condição de que os russos se agüentem até lá e de que os abastecimentos sejam dados a Timochenko para um prazo longo, provavelmente até à próxima primavera. Não tem outro fim a conferência que decorre actualmente em Moscovo. O rebaixamento ofensivo da ala esquerda dos russos até ao Mar Negro torna-os urgentes.

Maisky, o embaixador russo em Londres, secundando as recomendações de Beaverbrook ao partir para essa conferência, lançou um apêlo público aos operários britânicos, pedindo mais tanks, cada vez mais tanks. Centenas de aviões ingleses voaram para os aeródromos moscovitas. Mas não basta. O crítico diplomático do *Observer*, Garvin, reportando-se às atrás citadas declarações de John Biggers, coordenador oficial da produção inglesa e americana, e reconhecendo o formidável acervo dos fornecimentos até hoje enviados pela América do Norte para a Grã-Bretanha, declarava rotundamente que é impossível «vislumbrar sequer a vitória, enquanto não for duplicada ou triplicada a proporção da capacidade da produção da indústria de guerra dos Estados Unidos». E quando um dia as cifras se alinharem em toda a sua revelação, o mundo ficará pasmo diante de tão ingente e nunca igualado esforço. Não é alarmante a situação russa. Mas a resistência, nos meses que vêm, depende — como a possibilidade de uma ofensiva, sempre de contar — das forjas norte-americanas e de que a marinha de guerra dos Estados Unidos, mesmo com risco da guerra estalar a tiro de um momento para outro, garanta os combóios para a Inglaterra, para Murmansk e para a Pérsia, estes últimos através do Atlântico, e cortando entre a Islândia, Dakar e Cuba, o grande triângulo dentro do qual estão os Açores, a Madeira, as Canárias e Cabo Verde.

Eis o problema. Eis o nó gordio.

NO MAR NEGRO



BRAUCHITSCH

Desdobrando-se uma carta do leste europeu, encontra-se à primeira vista a linha por onde Hitler busca essa solução. E sabido como o estado maior alemão é mestre nestas largas manobras, o caso torna-se tão possível como evidente. O Mar Negro tem uma plataforma central: a península da Crimeia. De lá, com os poderosos meios de ataque de que dispõe, Hitler pode lançar os seus assaltos ao Cáucaso petrolífero, tentando cortar o corredor aberto desde a Pérsia aos abastecimentos da Rússia pelos aliados. E pode igualmente procurar apoderar-se das margens turcas do Mar Negro. A marcha das colunas do baixo Dnieper não leva outra mira.

Para tanto, carece, porém, de bases navais. As romenas sofreram rudíssimos estragos pela aviação russa. Restam as da Bulgária, país praticamente ocupado pela Alemanha. Varna e Burgas servem à maravilha para dali partirem submarinos e vedetas, trazidos por terra, a fim de domarem, com a aviação, o grosso da esquadra russa que se aglomera nos portos militares e tem no Mar de Azov, precisamente às margens da Crimeia, formidável base. Carece também de que a Turquia, por enquanto, e para mais oprimida à entrada dos Estreitos pela ocupação das ilhas pelos alemães e italianos, assista quieta ao drama.

O almirante Raeder descera a Sofia. Lá se encontrou com ele Von Brauchistch e ambos travaram conferências com o rei Boris e o governo. Molotov, a 11, protestara contra as atitudes anti-moscovitas da Bulgária, relembrando o seu anterior protesto quando ela cedeu passagem às colunas alemãs de von Litz que foram assaltar a Grécia. A resposta de Sofia, a 17, ne gava tais intenções. O dr. Clodius, no entanto, entreteinha em Ankara negociações comerciais (e o hábil técnico é sempre vanguarda de ofensiva diplomática e guerrelra) cobrindo uma pressão de Berlim sobre Sarad Joglu, exigindo a

passagem livre dos Estreitos, e secundando um pedido de Sofia no mesmo sentido para o trânsito de contratorpedeiros que dizia comprados à Itália. A pressão não deu resultado porque a Turquia fincou-se no cumprimento da Convenção de Montreux, alegando a sua não beligerância, e reforçou as fronteiras da Trácia. Desde então, os acontecimentos na Bulgária recrudesceram de tempestuosidade. A pretexto de agitações no país foram chamadas reservas. A 20 decretava-se o estado de emergência.

A 22, anunciava-se uma conferência do rei Boris com Hitler, logo, porém, desmentida. E a interrogação ficou no ar. O rei Boris temia o alastramento das agitações, assaltos e sabotages no interior do país, onde os sentimentos russófilos são tradicionais? No dia 25 corria o boato de um ultimato alemão em Sofia que também poderia coonestar a sujeição do governo, um pouco como aconteceu na Dinamarca...

E a quinzena fecha com a perspectiva do novo golpe alemão no Mar Negro, novo teatro de uma luta que agravará a já temível situação em todos os países balcânicos, e fará dilatar a guerra quando os horizontes embruscados deste outono deixam antever na Europa o maior rigor da crise económica e os perigos de uma crise social muito pior.

TABELA PADRÃO

Do «Teste» da pág. 16

1.....	3	9.....	5
2.....	2	10.....	2
3.....	5	11.....	4
4.....	3	12.....	12
5.....	1	13.....	10
6.....	1	14.....	14
7.....	7	15.....	9
8.....	15		

Vida MUNDIAL

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.^{da} Trav. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.^o Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

VAI SER POSTO À VENDA BREVEMENTE

UM NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO «DO DIÁRIO DE JOSÉ MARIA»

É UMA EDIÇÃO DE «VIDA MUNDIAL»



A VOZ de LONDRES

fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Hora de verão	Estações	Ondas curtas
13,15 Noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
	G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
13,30 Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 (*) Noticiário	G S C	31,32 m. (9,58 mc/s)
	G S B	31,58 m. (9,51 mc/s)
22 15 Actualidades	G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) G R V.

Cria o hábito de lêr «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A' venda na Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

A ABERTURA DA CAÇA

Por Stuart Carvalhais



— Então sempre vais à caça? Com um dia destes...

— Não posso deixar de ir. Compreendes... Estão os amigos à minha espera... Não é que me agrade muito a viagem. É muito longe, lá para a Estarreja, e tenho que dormir hoje lá... Mas não posso faltar.

— Como é que conseguiste livrar-te da tua mulher?

— Ora, disse-lhe que vinha para a caça... E não lhe menti... Vin à caça dum linda codorniz... Amanhã, de manhã, aporeço lá com duas perdizes — e ela ainda por cima me agradece o jantar melhorado!...

— Ó tiazinha, quanto queres vender-me por estas duas perdizes?

— Isto é uma perfeição de animal, meu senhor. São trinta escudos.

— Trinta escudos!? Muito caras me ficam a mim estas idas à caça! Bem, venha lá isso... Não há outro remédio!

— Ah! grande maroto! Como é que tu caçaste essas perdizes, se deixaste ficar a espingarda em casa?!

— Ah, a minha cabeça! Por isso eu andava à caça, e, de cada vez que dava um tiro, dizia com os meus botões: Tenho a impressão de que me esqueci de qualquer coisa...



tropas norueguesas

preparam-se na Escócia
para um novo combate

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

O MAJOR GENERAL FLESCHER, comandante-chefe das tropas norueguesas, em instrução na Escócia, passa revista a um regimento de cavalaria ali aquartelado. Acompanha-o o tenente-general Carrington. O exército formado por noruegueses refugiados é já uma força militar considerável, cuja acção em operações futuras não será para desprezar. Ao mesmo tempo, no Canadá, prepara-se a formação de esquadrilhas aéreas norueguesas, sob o comando do capitão MacLeod.